

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistador(a/e): Clara Luz de Castro Brandão

Entrevistado: Francisco Cavalcante de Lima (Chico das Minhocas)

Camanducaia (MG), 21 de junho de 2025

Duração da Entrevista: 55 minutos.

Realizada na casa do entrevistado em Camanducaia (MG).

HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL - ECA - USP - 2025

Profa. Dra. Sumaya Mattar

Clara Luz: Se apresente como quiser, Seu Chico.

Francisco Cavalcante de Lima: Então, boa tarde a todos. É uma alegria de estar aqui fazendo esse trabalho. Então, eu me chamo Francisco Cavalcante de Lima, nascido no Assaré, Ceará.

Me criei no Mato Grosso. E hoje eu estou em Camanducaia, e onde eu pretendo ficar até o fim dessa encarnação, dessa vida. Então, eu sou técnico agrícola.

Então, eu mexo com agricultura orgânica. Então, desde muito tempo, quando ainda não era bem firmado essa ordem, eu já participava do trabalho orgânico nas hortas das escolas para merenda escolar na Secretaria de Educação do Mato Grosso, em Rondonópolis. Depois trabalhei no Mato Grosso também, na mesma firmeza.

E hoje em dia, eu moro aqui nesse sítio que nós recebemos de herança, eu e minha mulher, Maria de Lourdes Dornelas Volpi, da qual nós, eu crio minhocas para a fertilização do solo, do planeta, porque a minhoca dá o húmus de minhoca, que é um fertilizante orgânico, onde tem todos os elementos químicos que a planta precisa para seu bom desenvolvimento e a sua boa produção. Então, é um fertilizante do

solo. Aí, eu observando também que, para nós termos alimentação na nossa mesa, nós temos que ter a polinização das abelhas.

Então, eu comecei a criar abelha não na intenção de ser um grande produtor de mel, mas pelo motivo de criar as abelhas para a polinização, tanto da minha terra, quanto da terra das outras pessoas, porque ela é livre para polinizar onde ela sentir necessidade. Feito isso, então, eu trabalho com a agrofloresta também, aqui na igreja, que nós plantamos a chacrona e o cipó jagube para fazer o sacramento da ayahuasca, que, hoje em dia, nós, como estamos na doutrina, então, o mestre Irineu chama de Santo Daime. Então, é uma bebida que nos auxilia na nossa parte física, emocional, mental e espiritual, mostrando o caminho de nosso Senhor Jesus Cristo. Então, é uma religião espírita cristã. Então, nós acreditamos nos sete orixás, acreditamos na reencarnação e acreditamos também em nosso Senhor Jesus Cristo, que tem uma estrada onde fala da harmonia, do amor, da verdade, da justiça, trabalhar forçosamente, respeitar seus irmãos com amor e alegria, tomar conta e dar conta da sua vida, amar o sol, a lua, as estrelas, caprichar eternamente para nunca ser ruim. Então, buscar uma bondade de coração, uma bondade de natureza, para nós trabalharmos com um grupo de pessoas que vem na busca desse remédio para sua melhoria em toda essa questão

Então, aí é onde nós temos essa bebida que auxilia nós ter esse amor e esse carinho para poder estar recebendo as pessoas que nunca fizeram uso desse mistério da floresta. Então, esse é o mistério da floresta que auxilia muitas pessoas, tirando muitas vezes de dificuldades das quais elas adquiriram no mundo de ilusão, como a bebida alcoólica, como as drogas. Então, ele auxilia a dar uma clareza no pensamento para você não querer usar mais.

Então, quando nós tomamos o daime, não é para conhecer as pessoas, é para conhecer nós mesmos. Porque aí você vai ver onde você está, na escada que você está, dentro desse desenvolvimento. Então, é ter calma, tranquilidade, paciência, que faz parte.

E, como diz o Tagore, é simples ser feliz. O difícil é ser simples. Então, buscamos sempre uma simplicidade na nossa vivência, no dia a dia, para que nós recebamos, em troca, a nossa saúde, nossa paz e nossa prosperidade em todos os âmbitos.

C.L.: Sr. Chico, o senhor responde para mim, por favor. Como que você é conhecido? Quantos nomes você tem?

F.C.L.: Então, eu tenho alguns apelidos. Desde pequeno, que eu estudava na escola, eu ainda era criança, mas, na escola, eu já era apelidado de vovô. Então, quer dizer que, desde criança, que eu já tenho o espírito velho, para as pessoas verem que eu já sou um pouco mais vivido nesse mundo que Deus permite. Aí, de vovô, eu passei um tempo, aí eu fui estudar numa escola agrícola. Escola agrícola é essa, para fazer o ginásio agrícola.

O agente saía como mestre agrícola. Era como que fosse o ginásio agrícola. Aí, nessa aí, eu, como era criança ainda, então, eu comecei, eu fiz xixi dentro de um buraco de formiga e saíram muitas formigas de dentro.

E, por sair essas formigas, eu pus elas para brigar entre elas. Elas não quiseram brigar com a mesma formiga do mesmo buraco. Aí, eu fui, pus em uma caixinha de fósforo e saía à procura de um outro formigueiro.

Lá, eu fiz a mesma ação e aí saíam as formigas de lá. Saindo as formigas de lá, eu fui, escolhi uma bem, bem bonita. Aí, pus elas na frente, assim, elas se

encontraram, encostaram as antenas, demorou um pouco, as duas estavam brigando.

E brigaram até uma que matou a outra com a cabeça da outra. Aí, eu fiquei com esse negocinho de sair pegando de vários e pôr nas caixinhas de fósforo e fazendo assim, tipo, para elas brigarem. E aí, o povo via os irmãos da igreja, os alunos viam, iam assistir comigo e ficavam assistindo lá na briga de formigas.

Aí, puseram apelido na minha pessoa de formiga. Aí, eu fiquei como formiga. Como eu sou cearense, com a cabeça um pouco grande, então, calhou certinho, porque eu era fininho, com a cabecinha grande, então, ficou uma formiga bem feita.

Aí, feito isso, aí, eu me formei, fui trabalhar no Acre. Lá, encontrei os irmãos que estudavam na mesma escola, que eu estudei, porque eu já fiquei com o apelido de formiga, tanto no ginásio, quanto para o colégio, porque eu fui no colégio, tinha gente que me conhecia, começou a me chamar de formiga. E assim foi, durante o curso meu, foi de formiga.

Feito isso, eu fui trabalhar no Acre. Aí, trabalhei no Acre um tempo, aí voltei. Aí, passou um tempo aqui, eu... Chegou a Ayahuasca aqui, chegou o daime.

E, quando chegou, eu comecei a tomar o daime, e aí, o povo começou a me chamar de Chico do Daime. Eu também tenho uma mulher que se chama Udi. Então, também, o Chico da Udi é conhecido também.

Então, aí, como eu peguei o que se chamava formiga, aí, quando eu mexi aqui com as minhocas, eu fui e levei minhoca para o Acre, lá para ir para a igreja. Lá, eu levei para a escola, para me plantar junto com o diretor da escola, com os professores, os pais, os alunos, e nós montamos um minhocário lá. E aí, eu fui conhecido lá como Chico das Minhocas.

E eu gostei tanto desse pseudônimo, que hoje eu utilizo ele até nas minhas atuações artísticas que eu falo. Então, é o Chico da Minhoca que vai se apresentar.

C.L.: E quais são as atuações artísticas, senhor?

F.C.L.: Então, as artísticas foi, assim, uma história até um pouco comprida, porque eu, com toda essa bondade que eu sempre carreguei, sempre esse amor, essa tranquilidade, mas eu tive um acidente, eu caí de cima de um telhado, eu bati a cabeça no chão, fiquei em coma três dias, e aí eu fiquei sem a memória.

Então, é muito ruim a pessoa estar sem a memória, porque não dá para fazer nem essa entrevista aqui, porque você tem que pensar no começo, no meio, no fim e no acabamento. E eu estava de forma que já estava com a rosca espanada, eu até brinco com os irmãos que eu estava com a rosca espanada. Porém, com o Ayahuasca que eu tomei, com mais as orações que eu faço, com mais Os Mistérios da Floresta, que eu tomei, aquela Kambô também, 50 pontos, que o comum é tomar 7, 9 e 11.

Eu tomei 50, porque era necessário. E após eu tomar esses 50 pontos, eu voltei a conhecer as pessoas, voltei a falar o Pai Nosso e a Ave Maria, que eu também já não sabia falar o Pai Nosso e a Ave Maria nem nada. Então, ficou espanado mesmo.

E aí voltou a reabilitar. Aí a minha mulher disse assim, Chico, tem a aval do Alessandro que eles mexem com o teatro lá em Bauru, porque você não conversa com eles, que eles têm um grupo de teatro para você decorar alguns textos, isso vai auxiliar nessa sua reabilitação. Dito e feito, eu entrei em contato, porque são amigos

meus, eles me chamaram e eu comecei a fazer alguns trabalhos com eles, nos projetos que a Val tinha na educação, nas escolas.

E daí foi de lá, aí eu fui firmei nessa, aí comecei a decorar mais textos e comecei a apresentar nos palcos aqui das festas de Camanducaia, inclusive a aval que encaminha tudo isso, que ela tem esse mecanismo com mais facilidade. E aí foi onde eu prossegui nessa função e vou dizer para todos que eu estou gostando muito, estou adorando de fazer, porque eu sei que conversa com pessoas, poesias que clara, objetiva e sintética, dentro de um cordel, dentro de um assunto que fica fácil para as pessoas compreenderem. E eu agradeço de muitas pessoas virem conversar comigo, agradecendo de eu fazer esse trabalho para o público também. Essa é a alegria que eu tenho de trabalhar no palco também.

C.L.: E como que o senhor faz para decorar todos os cordel que você sabe?

F.C.L.: Então, eu sinto assim, o que você quer, você tem que querer. Aí você fala que quer uma coisa e não quer.

Então tem que falar querer que quer e quer. Aí quando eu pego um texto para decorar, eu quero tanto que ele fica andando comigo de cedo, de tarde e de noite. Então, logo quando eu vou dormir, eu decoro um pouco, aí vou ver se no outro dia amanhece gravado, se não amanheceu, aí vou indo até gravar.

E vai de gravação em gravação, quando chega um ponto, eu já cheguei a decorar até de 15 minutos. Então é uma coisa que favorece também você desenvolver a sua capacidade de gravar o que foi dito, o que você quer compreender, para depois você falar. Porque temos que falar só coisas que nós compreendemos.

Se não compreende, não adianta falar que nem papagaio, porque não fica aquela força do amor, da dedicação. Eu acho que é isso que o artista transmite quando ele está fazendo o seu papel. E é essa força, esse amor que o senhor faz também com as abelhas, com as minhocas, com a natureza? Então, isso aí é um trabalho que eu tenho muita alegria de falar deles, porque eles têm a academia.

E todos nós precisamos fazer academia. Principalmente eu que nasci com pouco recheio, então eu tenho que desenvolver essa força para poder levantar um bujão de gás, que eu vejo todos levantando, e eu dessa grossura assim ficar difícil. E eu fui treinando, levantando, levantando, e hoje em dia eu levanto um bujão de gás cheio, tranquilamente, carrego uma bateria, que eu lembro que a primeira vez que meu pai pediu para me pegar uma bateria do jeep dele e levar lá onde ele estava, eu não consegui, donde o qual ele não tinha essa nobreza, porque ele é nascido no Nordeste, então é uma pessoa que não sabe ler nem escrever.

Ele até falou que eu não ia conseguir muita coisa no mundo se eu continuasse com aquela fraqueza. Então, aquilo foi um impulso para mim, que hoje em dia eu faço muita força, que muitos que são grandes não fazem do tanto que eu já dou conta de fazê-lo. Então, foi esse desenvolvimento que eu tive.

Então, a minhoca e a abelha têm academia diária, porque é você carregar uma colmeia para um lado, trazer o mel que colheu, então você precisa ter força para você fazer isso. E aqui é piramba, então tem que saber subir e saber descer para você não derrubar as suas coisas. E a minhoca, não.

A minhoca eu vou buscar o esterco de vaca para fazer. Então, só de carregar três, quatro carretas de esterco, então a pessoa já exercita bastante. Então, como eu tenho muitos amigos, muitas vezes os amigos vão me ajudar, e eles até já têm assim, eles gostam de ir, porque auxilia nessa parte física.

Então, eles ficam contentes também de estar desenvolvendo junto comigo, dentro desse projeto da minhocultura e da apicultura. Então, esse é o trabalho que eu tenho amor por esses animais, e tem um calendário que eu sigo para poder você ter a produção que você merece, que você precisa.

C.L.: E o senhor faz muita caminhada, não é?

F.C.L.: Caminhadas.

C.L.: Já fez Santiago de Compostela. Exatamente. Santa Aparecida.

F.C.L.: Então, eu lembro assim, que uma vez eu notei assim, que nós nascemos para caminhar, porém inventaram, amansaram o cavalo, começaram a andar de cavalo, aí fizeram a bicicleta, começaram a andar de bicicleta, fizeram o carro, começaram a andar de carro, e aí as pessoas não têm muita, essa disponibilidade de estar andando quilômetros. Então, para isso, eu tenho uma caminhada que nasceu aqui nessa igreja, de Idiapé, daqui à Aparecida do Norte, que dá 150 quilômetros. Então, nós vamos em cinco dias, e aí, como eu gosto de caminhar, eu vou e volto também.

Então, são mais cinco, então são dez dias. Então, nós fazemos isso há muitos anos, todo ano, na lua cheia, nós fazemos. E aí, eu fiquei sabendo da estrada de Santiago de Compostela.

E aí, em 2014, a minha mulher resolveu ir comigo. Aí, ela achou muito longe de Sanjian, perto de Porto, aí nós começamos de León. Fica 300 e poucos quilômetros de Santiago.

Então, nós gastamos cinco dias, eu acho, nesse. E aí, em 2017, eu falei, não, eu quero fazer a Oficial. O Oficial se chama, sai de Sanjian, de perto de Porto, na França.

E sobe o Pirineu, um pedaço do Pirineu. E esse aí, nós gastamos 39 dias. Mas, como nós, até Santiago, aí no outro dia, aí nós descansou lá, rezou, fez tudo.

No outro dia, nós saímos para Finisterra. Então, dá mais um tanto de quilômetro para frente, que eu não sei dizer quanto. Mas, eu sei que mil quilômetros, para mim, é tranquilo de eu caminhar, tranquilamente.

E agora, nós estamos com um projeto para 2017, do qual eu convido todas as pessoas que quiserem. Nós vamos sair de Le Puy, na França. Essa é 30 dias a mais, até chegar em San Jean, perto de Porto.

Para depois ter mais 39 dias. Então, essa é uma viagem bonita que eu quero fazer, eu e um amigo. Mas, convido as pessoas que quiserem, também, se achar muito longe de Le Puy, aí vai vendo, assim, o que chega mais perto de Santiago.

E nós marcamos de se encontrar, quando eu vim passar por lá, nós nos encontramos de novo e prosseguimos a viagem, naturalmente.

C.L.: E, senhor, pode me contar de um episódio, um dia que foi muito especial, que foi bonito, que o senhor tem na memória, assim, que seja em Aparecida, que foi em Santiago?

F.C.L.: Então, essa eu vou contar uma, que, de verdade, essa tirou eu desse plano físico do qual nós vivemos aqui. Porque, nesse plano físico que nós vivemos, as plantas, elas são fixas num lugar e elas não saem daquele lugar e elas não têm uma vida, assim que você consiga ver claramente.

Então, nós sabemos que é vida, porque se deu fruto, você plantou a semente, deu fruto, então é vida. Nasceu, cresceu e, no final, ela morre também. Então, ela tem essa vida.

E o dia que eu fui, eu levei um daime mais forte, que nós chamamos de 10 por 1. E eu tomei uma dose boa para ver o que eu ia enxergar e eu vou dizer, no caminho onde eu estava andando, as árvores e os passarinhos, todos estavam numa integração 100% em cima da minha alma. Então, todos me ajudando, que eu fiquei até assim, com autoestima, como é que eu me inicia, as plantas tudo vivas e vibrando pelo meu trabalho e é uma coisa que não dá nem para contar muito, porque eu já tinha tomado o daime, então, ela aumenta um pouco essa visão, essa compreensão. Então, isso foi o mais bonito que eu vi e foi uma das coisas das quais eu guardo até hoje como uma lembrança de que tudo é muito bem vivo e tudo muito bem sabe quem é que está passando perto dela.

Então, se você é uma pessoa que está andando no prumo, você está andando no nível, você está andando no esquadro, então, as plantas veem que você merece ter essa vibração de você conseguir receber da natureza uma força que está guardada até hoje e que eu acho que ninguém vai me tomar porque está comigo.

C.L.: Que bonito! E como que o senhor se sente aqui ao redor da igreja, da sua casa? Quantos anos o senhor está aqui?

F.C.L.: Mais de 30 anos. Então, eu fiz uma viagem há pouco na Itália, que eu chamo Francisco e a minha irmã chama Francisca.

Então, minha mãe tinha uma ligação com o São Francisco de Assis e a minha mulher também. Aí ela disse que queria que nós fôssemos lá. Aí nós nos ajustamos

aqui, tem que comprar o tal do euro, que não é fácil juntar um tanto, mas eu consegui ir com ela e nós fizemos essa viagem.

Eu sei que eu vi tanta coisa bonita do passado, coisas primorosas, a parte da construção civil, de formas que você vê que aquilo não é só um pedreiro, aquilo é um artista que trabalha como pedreiro, como servente, mas faz cada arte que você fica muito alegre de ter conseguido olhar aquele trabalho. E, de qualquer forma, a alimentação de uma forma especial, um tempero bom, que toda comida que você come, seja pizza, seja massa, seja carne, tudo você vai sentir um sabor especial. E aí só uma coisa que eu não participei lá foi do vinho, porque lá também tem muitos vinhos bons.

Porém, eu não tomo uma bebida alcoólica já mais um tempo atrás. Antigamente eu bebia, agora hoje em dia eu já não bebo mais, pela essa parte espiritual mesmo, que eu vejo que o álcool não auxilia ninguém para dar um crescimento na pessoa, dar uma clareza. Então, hoje em dia eu sou a pessoa que bebo água.

E aí eu vejo que, eu falei ainda para o Henrique, eu falei, Henrique, eu achei muito bonito a Itália, muito bonito a cultura de vocês, especial a alimentação de vocês, mas eu vou dizer para o senhor que eu gosto muito mesmo é de Camanducaia, que é esse lugar aqui onde eu moro, onde aqui tem as minhocas, tem as abeias, tem a igreja para me rezar, tem os amigos para me conversar, tem um palco para me atuar. Então, eu acho que o melhor lugar que tem no mundo aqui é Camanducaia.

C.L.: E aqui o senhor começou a trabalhar com música também?

F.C.L.: Então, aí eu sinto assim que é uma coisa que muitas pessoas dizem que isso é talento.

Então, eu vou dizer assim que eu estudei na escola agrícola em São Vicente, lá no Mato Grosso, e como eu era magrinho, então o chefe da turma lá pedia para mim fazer uma limpeza na sala dele, então eu passava cera, eu passava o escovão, fazia aquele trabalho para ficar bonitinha a sala dele. E ele tinha um violão, e eu perguntei para ele, eu falei, senhor Albert, o senhor deixa eu ficar um pouquinho com esse violão? Ele falou, eu deixo. Ele foi e deixou esse violão na minha mão. Então, eu não sabia nada do que é violão. Aí eu comecei a mexer, aí quando eu saí com o violão na escola, tinha muita gente que sabia tocar, e caiu em cima de mim, empresta o violão, aí nós já fazíamos um sarau lá e já cantávamos. E eu fui vendo como é que eles faziam, fui aprendendo, aprendendo.

Hoje em dia eu não vou dizer que eu sou um violinista, mas se precisar de eu tocar, parabéns para você nessa data querida, eu toco. Então, eu sei tocar algumas coisas. Então, já apresentei até no palco, cantando, tocando.

E aí passou o tempo, eu comecei a mexer nas teclas, eu vi que eu tenho desenvolvimento na tecla, mas eu tenho que estudar mais para poder tocar com as duas mãos, porque com essa mão eu toco qualquer um aqui, cantar. Pode ter sustenido, pode não ter, que eu acho, de ouvido. Porém, tocar com as duas mãos eu ainda não sei, então eu tenho que estudar mais para poder saber.

Aí eu, aqui tem uma escola de música em Camanducaia, do qual tem uma orquestra de viola, de dez cordas, viola caipira. E eu fui me inscrever nesse curso, e hoje em dia eu faço viola também. Então, toda quarta-feira eu tenho aula com dois professores, primeiro com um professor e com um maestro.

Aí na quinta-feira eu tenho com outro professor. E estou desenvolvendo a viola, aprender as posições, aprender os ritmos, porque tem muitos ritmos dentro da viola.

Então não é só uma marcha ou uma valsa, não, tem vários nomes que você tem que aprender a tocar, esse ritmo.

E aí onde eu estou desenvolvendo, estou achando muito bom, e quero prosseguir fazendo, até um dia eu tocar uma viola de forma mais desenvolvida.

C.L.: E, Sr. Chico, o senhor tem, não sei se eu posso chamar de composição, mas tem composição de hinário, no nome do senhor, não tem? De hino, como que é?

F.C.L.: Então, isso aí é uma coisa que muitas vezes, eu vou dizer que eu tenho inteligência o suficiente, eu escrevi alguma coisa, vamos dizer assim, rimada. Mas não quer dizer que eu estou escrevendo rimado, que seja uma poesia.

Porque eu esqueço, até minha mulher manda o WhatsApp dela, eu respondo, a resposta é rimado. Ela fica chamando de poeta, mas não é poeta, eu sei falar ruim, rimado, rimar. Então eu, por eu saber ter essa capacidade de rimar as coisas, eu comecei a receber hinos do astral.

Agora esse não é composição, esse que eu recebi não passa a composição, que você não pensa para você fazer. Você já chega, você vai recebendo, tem música e tem letra. De vez você recebe só a letra, outra hora você recebe só a música.

Nesse momento o celular desligou e o áudio foi cortado, pouco antes do vídeo ser cortado também, acidentalmente.

Voltamos à gravação quando percebemos o que aconteceu, alguns minutos depois.

C.L.: Poxa, perdemos parte do áudio. Mas como já estamos terminando, gostaria que o senhor escolhesse um poema ou cordel pra recitar pra gente.

F.C.L.: Então, me deram a liberdade de eu poder esclarecer aqui um poema de cordel do poeta Amaro. Como ele definiu Deus.

“Deus fez o mundo do nada, e seis dias terminou.

Trouxe terço de água em cima, o mar na terra plantou. O céu bordado de estrelas, suspenso no ar, deixou. Um arco-íris pintou no céu como diadema.

O sol nasceu cor de ouro e morreu da cor de gema. E no crepúsculo da tarde deixou escrito um poema, com a sua mão suprema, deu velocidade ao vento, deu as asas soltas pra bailar no firmamento. Porque o mestre é único, de perfeição, cem por cento.

Sem o seu consentimento, nada se move na terra. Sua previsão não falha, seu projeto não erra. Sua máquina não enferruja, nem o seu eixo enterra.

Seja no céu ou na terra. Deus é puro e escorreito, deu à lua quatro faces e nenhuma dá defeito. Toda semana ela muda, mas não muda o seu efeito.

O universo perfeito pintou todas as cores, deixou no campo um lençol verde ornamentado de flores. Com animais e floresta entregou aos pastores. Que cuida bem dos pecadores, que pra Deus isso é comum.

Ainda fez um anjo de guarda pra cada um. Deus cuida de todos os filhos, sem esquecer de nenhum. Deus é três pessoas em um.

Pai, Filho e Espírito Santo. Ninguém foge do seu olho e nem escapa do seu manto. Se transporta sem olhar e voa sem sair do canto.

A chuva que cai do manto, pingo a pingo é peneirada. O rio de água doce, o mar de água salgada. Que a natureza obedece a quem fez tudo, do nada.

De poder ilimitado, ele é onipotente. Por estar em toda parte, ele é onipresente. De saber absoluto, ele é onisciente.

Com a sua mão suprema, é o comandante da nave. A bordo do cosmo faz o globo girar suave. E dos desígnios e mistérios, ele é o dono da chave.

Em tira do olho atrás, reconhece os defeitos seus, sabe. Deus é dono até da fé dos ateus. E até quem não tem fé, sabe.

Que o dono do mundo é Deus.

C.L.: Muito obrigada, Sr. Chico. Muito bem. Muito bonito.

F.C.L.: É chique, né?